

Canção de Lágrimas



Gildo Dantas de Souza

Canção de Lágrimas

Gildo Dantas de Souza

Canção de Lágrimas

Aracaju – Sergipe
2006

Capa: Gildo Dantas de Souza Júnior
Diagramação: Alfredo
Impressão: Gráfica J. Andrade

Dedicatória

Aos meus pais e irmãos.
À minha esposa e filhos.
Aos mestres e amigos.

Sobre o autor

Em 26 de julho de 1936, na cidade de Propriá, Estado de Sergipe, nasceu Gildo Dantas de Souza, filho de Enock Dantas de Souza e Noélia Rocha de Souza, que ainda em tenra idade, em companhia de seus pais, foi morar na Bahia, na Fazenda de seu avô, no município de Cícero Dantas, onde fez o curso primário. Posteriormente cursou o Ginásio, na cidade de Estância, Estado de Sergipe, época em que prestou concurso para o Banco do Nordeste do Brasil S/A, sendo lotado na Agência de Cícero Dantas, em 1959. Continuando seus estudos, fez Pedagogia e se bacharelou em Administração de Empresas pela Universidade Tiradentes – UNIT, em Aracaju – SE.

Enquanto fazia carreira profissional no BNB como Gerente, fez vários cursos de especialização, como: Crédito Geral, Gerente, Gerência por Objetivos, Mercado de Capitais, Análise de Problemas e Tomada de Decisões, FGTS e Círculo de Controle de Qualidade, este promovido pela UFSE. Foi Professor de História em alguns colégios das cidades onde trabalhou como Gerente do BNB, tais como: Cícero Dantas, Irecê – BA e Batalha, em Alagoas. Após uma carreira profissional laboriosa nessa Instituição promotora do desenvolvimento regional, aposentou-se em 1989 como Técnico Bancário, quando passou a desenvolver, de forma amadorista, a atividade literária, fixando no tempo e no espaço a sua trajetória pela vida.

À guisa de preâmbulo

Na frágua perene de uma vida modesta, onde o labor exaure mais a existência que o próprio viver, reuni, com sacrifício e paciência, os presentes versos, que são a mensagem do meu passado, destituídos, portanto, de qualquer pretensão literária.

Não desejo fama nem busco aplausos; não fito elogios, nem sonho com fortuna; enfim, não quero fazer de meus versos um veículo – intermediário da minha glória. Entretanto, para mim, eles valem muito mais que tudo isso; são os versos a consciência abstrata do meu ser; são as relíquias futuras que a custo de todos os esforços tento acumular no presente; são a imagem despretensiosa das minhas ilusões; são de resto, tudo que imagino, sonho, desejo e admiro, mas, sem uma réstia de vaidade ou uma sombra de egoísmo.

Não tenho nenhuma missão a cumprir com eles, nem os vejo como uma obrigação em minha vida, mas sim, uma alegria que nutre e dignifica o espírito, e da qual me delicio.

O Autor

Prefácio

Ler *Canção de Lágrimas* é debruçar-nos na janela do tempo, revivendo os últimos dias de uma época. É ouvir serenatas em noites enluaradas, declarações de amor cuidadosamente estudadas, para o instante solene do encontro, lá, na praça e, em tudo isso, nos ver moços, ridentes e esperançosos, como protagonistas dessa última era do romantismo.

Nessa recordação de um passado que os jovens siderais de nosso tempo não querem perpetuar, quantas lembranças amenas afloram, como se cada verso fosse um pedaço de nossas vidas e cada poema uma estória de amor, perdida na poeira do tempo.

Não, é apenas uma canção de lágrimas. É, sobretudo, o testemunho de um momento, o retrato de nossa adolescência, construído com a beleza, cadência e fulgor que emolduram sua alma de poeta.

Seu livro, Gildo, não é para ser comentado. Sendo nossa juventude, deve ser sentido e vivido em cada página, mesmo que recordando corramos o risco de morrer de saudade.

Evaldo Fernandes Campos
Procurador da República

Dedicatória

(A quem amo...)

Ia eu pela estrada da vida,
Certo dia, sozinho e tristonho.
Sem alento, sem crença, sem sonho,
Sem abrigo, sem paz, sem amor,
Tendo n'alma gelada e perdida
A pureza de cada esperança
Que guardei desde quando criança,
Com carinho, afeto e calor...

Tudo em torno de mim parecia
Adverso, mesquinho e sem graça.
Era tudo tortura e desgraça
Da mais pura e cruel solidão.
E naquela tristeza eu sentia,
Constranger-se de tanto tormento,
Murmurando um dorido lamento
No meu peito, o meu coração.

Mas um dia... Que dia Divino...
Nós cruzamos o mesmo caminho,
E nos demos as mãos com carinho
E seguimos com todo fervor,
Entoando do amor nosso hino,
Ao frescor das manhãs vaporosas,
Pelas verdes campinas cheirosas,
Pelos prados risonhos em flor.

E seguimos além pela estrada
Do viver, com a mesma alegria
Nosso sonho foi paz e harmonia
Nosso amor foi eterno talvez.
E depois dessa longa jornada
Que pra mim foi fulgente e florida,
Eu apenas só quero da vida,
Reviver o passado outra vez...

Batalha – AL, 19/04/1977

Conformação

Você quando passa risonha e formosa,
Enchendo a vida de graça e carinho,
Florindo de sonhos meu triste caminho
E meu pensamento enchendo de amor;
Não vê minha alma que cante ditosa,
Os pobres desejos de meu coração
Louvando os caprichos da doce ilusão
Que a vida acalenta com todo fervor.

E passa tranqüila, aurindo o encanto
Dos prados floridos, do ar da manhã;
Qual rosa orvalhada, singela e louçã,
Da brisa osculada no eterno rosal,
Da sua existência, aonde meu pranto
Transforma-se em riso de louca alegria;
No peito renasce amor e poesia...
Nas trevas das dores ressurgue um fanal.

O Céu se ilumina, a fonte murmura
Um hino plangente, divino e singelo,
Eterno prelúdio de sonho e anelo,
Que tudo entenece, comove, inebria,
No fúlgido enlevo da áurea ventura,
O negro e fanado desejo do trinte,
Perdido no nada que apenas consiste
Viver de quimera, sonhar fantasia.

E assim vou seguindo da vida a estrada,
Sem ter um afeto, sem ter um amor.
Mas eis que não murcha o prado, se a flor
Esquiva, negar-lhe abrir um botão.
Não morre tristonha no bosque a ramada,
Se a brisa macia deixar-lhe sem beijo,
Também não fenece, carpindo o desejo
De ter um carinho, o meu coração...

C. Dantas – BA, 22/10/1971

Lembranças

Hoje pousando as vistas no passado,
Onde floriram os sonhos mais fagueiros,
Fico a cismar, ao ver quão passageiros
E fugidios foram em meu sonhar..
E num tristonho ritual de dores,
Fico carpindo as minhas nostalgias
E desfolhando as doces fantasias
Cuja lembrança só me faz chorar..

E vejo tudo desfazer-se em nada.
Vejo morrerem as ilusões queridas.
As primaveras não são mais floridas
E a natureza já não tem fulgor.
Tudo desfez-se ao rigor dos anos,
Ao beijo amargo da realidade,
Deixando apenas a cruel saudade
Do meu primeiro e saudoso amor..

E assim pensando vou revendo a vida.
Vou rebuscando nos anais do tempo,
Doces motivos que me trazem alento,
Que reconfortam e meu ser bendiz.
São como hinos que minh'alma canta.
E que meu peito enche de alegria,
Só ao lembrar que no passado um dia,
Tive mais sonhos e fui mais feliz..

Mas de que vale reviver saudades?
Que adianta recordar lembranças?
Se já não vivem mais as esperanças
Fazendo festas no meu coração...
Mas em que pese tudo isto agora,
Ainda amo e canto melodias;
Das minhas mágoas faço poesias;
De cada sonho faço uma ilusão...

Irecê – BA, 1º/02/1975

Note

*"Jogo, bebo, danço, fumo
E sou louco por mulher."*

Neste mundo tudo passa
Deixando apenas saudades,
Das gratas felicidades
Que foram e não voltam mais.
E só por isto é desgraça,
Não vivermos cada instante
Intensamente e bastante
A beleza desta vida,
Que resplandece florida
Em quimeras colossais.

Pois tudo é só fantasia.
Da ilusão mais querida.
E assim eu levo a vida
Da forma que ela quer,
Sem nunca tê-la vazia,
Sem ter tristezas no peito,
Vivo muito satisfeito
E julgo certo meu rumo:
Jogo, bebo danço, fumo,
E sou louco por mulher.

Aracaju – SE, 03/06/1978

Menina e moça

Vejo-lhe hoje no albor da vida;
Na apoteose destas primaveras,
Acalantando sonhos e quimeras,
No mais sublime e singular fulgor,
Em um jardim a reacender florida,
Eternizando um canto de alegria,
A deslumbrar-se em cada fantasia
Do mais singelo e ingênuo amor.

Menina e Moça, cândida e louçã,
Que desabrocha à brisa matinal,
A espargir frescor pelo rosal,
Onde você é a mais bela flor,
A enfeitar os risos da manhã,
Toda orvalhada, divinal, cheirosa,
Causando inveja e desafio à rosa,
Com mais pureza e mais esplendor.

Menina e Moça, sonho e desencanto.
Místico enlevo de felicidade,
Que as vezes surge na realidade,
Mas que de fato o coração não quer,
Mudar a quadra de maior encanto,
Aurifulgente, bela e formidável,
Para depois seguir o inevitável,
MENINA hoje, e depois... MULHER.

Aracaju – SE, 12/08/1980

O vagabundo

Ei-lo passando,
A tudo indiferente.
Contemplando o nada de sua vida
Inútil, vazia, sem crença e ideologia,
Sem passado e sem presente,
Simplesmente um caos.
Um abismo no vórtice da existência.
Amor, saudade, sonho e fantasia,
São apenas falácias, são quimeras.
Somente uma coisa o preocupa:
É o incerto e minguado pão de cada dia,
Disputado com os cães.
E passa como sempre passa.
De olhar distante, vazio e desconfiado.
Pra ele não há tempo nem distância.
Não há motivos também.
Tudo é deserto e incerto;
Sem jeito e sem graça.
Na sua desgraça, não há nesta vida
Sentido ou prazer.

Oh pobre ser!...
Oh pobre vagabundo,
Que gira constante na roda do mundo,
Que lhe importa o desenvolvimento das raças
e das ciências,
Da política e das civilizações!

Que lhe importa se há vôos espaciais!
Se há segregações raciais, se há guerra, fome
e incompreensões!
E anda, e gira,, sem rota e sem rumo,
Num caminho sem guia e sem fanal.
Numa filosofia banal, inócua e ineficiente.
Olha o Céu, o mar, a terra e a natureza,
e sorrir sem fascínio,
De toda esta beleza que faz a criação...
As etiquetas e, ditames da sociedade,
que a humanidade persegue sem cessar,
São vagas ilusões,
Próprias da mediocridade, alienada, medrosa
e servil.
Oh senso obtuso que a mente humana arrasa.
Oh falsas convicções.
E no turbilhão das ansiedades e ideais,
Vai o vagabundo, sem rota e sem rumo,
Sem sonho e sem porvir,
Na sua grandeza do nada,
Do não ser, da negação
Esperando apenas da vida,
Um pouco de paz,
Um pedaço de pão...
Paz... Pão...

Irecê – BA, 25/01/1975

Angústia

Este seu medo de olhar, me diz
Que você hoje alguma dor padece.
Pois quem sofreu, também, logo conhece
Só pelos modos, quem não é feliz...

Os sofrimentos deixam a cicatriz.
E a dor que fica nunca a gente esquece
Pois mais que em riso oculte, ela aparece.
Isto é comum na vida do infeliz...

Como você, também, antigamente,
Vi meus castelos fragorosamente
Ruírem ao peso da fatalidade.

Porém, depois de tudo consumado,
Vi que é loucura reviver passado,
É desvario eternizar saudade...

C. Dantas – BA, 22/05/1970

Natal

Hoje é Natal...
E eu vou andar por aí
E desejar a todos Feliz Natal...
Vou convidar o mundo a dar as mãos
E formar uma ciranda de Paz e Amor.
Vou pedir a todos que enfeitem a vida,
Ao menos hoje, com um dos seus sorrisos;
Aquele sorriso que há muito existe
Mas que a indiferença e o orgulho,
O deixou latente,
Insignificante,
Inútil,
No abismo da inconsciência.
Hoje é Natal... Vamos pois iluminá-lo
Com a nossa alegria
Vamos fazer um retrospecto de nosso dia-a-dia
E abrir para Deus os nossos corações.
Ao menos hoje,
Vamos fazer da vida eterna primavera.
Vamos sonhar um mundo sem quimeras,
Onde todos se amem,
Porque hoje é Natal...

Irecê – BA, 04/08/1975

Fatalidade

Em meu jardim já floresceram um dia,
As mais sublimes e mais belas rosas,
Que perfumaram as brisas. vaporosas
Das ilusões num céu de fantasia...

E entre elas também reflorescia
De amor, você, nas tardes venturosas
De meu viver, a espargir ditosas
Fascinações de sonho e poesia.

Porém, um dia veio a tempestade
Do infortúnio, e a felicidade
Que embalei outrora sucumbiu.

E hoje vivo solitário e triste.
Em minha vida nada mais existe.
Morreram as rosas e você partiu.

C. Dantas – BA, 27/08/1971

Coisas da vida

(Dedicado ao poeta Julimar)

Seu estro é divino; gostei de verdade;
Tem jeito de sonho e sabe a saudade
De quem pela vida viveu e amou.
Nos deixa à vontade, nos deixa felizes
No mundo encantado de eternos matizes,
Que só um poeta sentiu e sonhou...

Sentiu e sonhou... Viveu fantasia
Num bosque de Fadas, de eterna poesia,
De doce quimera que a vida conduz,
Num rito sagrado à paz d'amplidão,
Ao céu,, ao infinito, à glória, à ilusão,
Mas deixa gravado num rastro de luz.

Seus versos e rimas são cantos de amores;
São como o perfume que exala das flores,
São como a saudade fulgente e querida,
Que fica perdida no tempo fugaz,
São mais que ternuras: são hinos de paz,
Mas que se transformam em "Coisas da Vida".

Aracaju – SE, 19/10/1981

Prece do menino pobre

Papai Noel,
Eu quero lhe falar
Hoje à noite, se você passar
Em minha rua como sempre faz
Todo Natal invariavelmente.
Pois, todo ano eu sonho com o presente
Que o Bom Velhinho para todos traz.
E, como choro, ao, despertar risonho,
Pois foi em vão sonhar, meu lindo sonho
Foi uma ilusão efêmera e falaz...

Papai Noel,
Sou louco pra lhe ver.
Todas as crianças falam de você,
Somente eu não sei porque razão
Não o conheço, nunca tive o fado
Papai Noel, de ser também lembrado
Em meu ranchinho, lá na solidão.
Mas eu espero sempre e minha espera,
Nunca passou além d'uma quimera,
D'uma miragem, d'um desejo em vão...

Papai Noel,
Por que sua bondade
Não traz também pra mim felicidade,
Não traz carinho e afeto pra meu lar?
Como eu quisera com a meninada

Pela manhã, sair sobre a calçada,
Só a sorrir, correr, sonhar, brincar;
Como eu quisera ver mamãe contente
E agradecida pelo meu presente
Que ela mesma nunca pode dar...

Papai Noel,
Eu penso, se você andar
Em minha casa nada vai deixar.
Pois nem sapato tenho, na verdade;
Não tenho roupa, não frequento escola;
Minha mamãe é pobre e pede esmola
Pelos solares ricos da cidade.
E nesta luta inglória e fatal,
Sem ter alento, sem felicidade,
Chego a descrer deveras na bondade,
No amor, na crença, de um Feliz Natal.

C. Dantas – 27/11/1969

Eternização

Confesso, hoje amanheci contente,
Embora esteja a sentir saudade
Dos sonhos bons da minha mocidade,
Das ilusões que tive antigamente.

Não que me faltem agora no presente,
Outros motivos de felicidade,
Dissimulando então, na realidade
O que de amores me ficou latente.

Pois as quimeras que recordo agora,
São como flores que se abriram outrora
E que repousam hoje emurhecidas...

Mas, apesar de tudo, e experiência
Diz que murcharam apenas na aparência
Porque estão,, agora, mais floridas...

C. Dantas – BA, 22/07/1971

Ode ao Amor

Amor que exalço,
Que canto num hino
Singelo e divino;
Amor que conduz
Na estrada da vida
O nosso passado,
Que fica gravado
Num rastro de Luz.

Amor, doce crença,
Sublime beleza;
Vestal de pureza;
Risonha alvorada.
Amor é saudade,
É sonho vivido
Num bosque florido
D'um conto de fada.

É brisa que sopra
No nosso caminho,
Com jeito e carinho
Em forma de flor.
Amor é grandeza
Que o céu irradia;
Amor é poesia
E a vida é Amor...

Canção de Lágrimas

Cantemos felizes,
Do mundo a ilusão;
Do amor a canção
E da vida o sonhar.
Cantemos felizes,
O amor engrandece
E a vida enobrece.
Viver é Amar...

C. Dantas – BA, 08/06/1970

Paradoxo

Vejo-lhe sempre a sorrir, que lindo
Viver assim, feliz todo momento,
Num doce embalo de deslumbramento
E o coração às ilusões abrindo...

A cada passo um prazer sentindo.
Ludibriando o próprio sentimento,
E assim ditosa, indiferente ao tempo
Vai pela vida a caminhar sorrindo.

Mas esse riso que lhe enfeita a face,
Que dá beleza e singular realce
Neste seu jeito e modo de falar,

Talvez oculte uma ilusão perdida
E enquanto as dores lhe devoram a vida,
Você sorri por não saber chorar...

C, Dantas – BA, 08/06/1970

Se eu pudesse...

É meu desejo,
Que a vida fosse um sonho,
Onde eu sempre risonho
Ilusões fosse espalhar,
Por todas plagas,
Onde chora alguém perdido
Na paixão que foi traído
E que vive a recordar...

Depois, viver
Como vivem os passarinhos,
De manhã lá nos seus ninhos
A cantar, sempre a cantar.
Mas eu não posso,
Tudo é triste, tudo é pranto.
Meu desejo quando canto,
É chorar, sempre chorar!

Ai que eu pudesse,
Ter da vida amor e calma,
Pra que possa minha alma
Noutro mundo descansar...
Se Deus um dia,
Me tirasse essa tristeza,
Que ventura, que beleza,
Com o amor poder sonhar!

Mas os meus sonhos,
Nada são, senão martírios.
São saudades, são delírios
Que não posso suportar.
Pois, toda vida,
Quis feliz ser de verdade,
Mas não pude, a realidade
Fez meu sonho fracassar.

Tudo é mesquinho,
Tudo é nada e ilusão.
Tudo faz meu coração
Os desejos despertar.
Porque de fato,
Vivo só, calado e triste.
Nada mais de amor existe,
Pois também não pude amar...

C. Dantas – BA, 04/09/1962

Teu amor

O teu amor é como uma alvorada,
Que ilumina de riso minha estrada,
É tudo aquilo que meu ser bendiz.
É minha crença, é mais que um lindo sonho,
É a sinfonia que a sorrir componho,
É o motivo que me faz feliz...

O teu amor é singular quimera
Eternizado em cada primavera,
Florindo a vida em sonho e ilusão.
É o consolo de meu triste pranto,
É a ternura de meu pobre canto,
É tudo, enfim, que quer meu coração...

O teu amor é puro como a prece,
É como a fé que nutre e engrandece
Meu coração na ânsia de viver...
E assim feliz, de alma embevecida,
Com teu amor sorrindo em minha vida,
Nada no mundo mais desejo ter...

C. Dantas – BA, 20/10/1978

Horas Vazias

Há horas vazias,
Em que eu desejo
Simplesmente voar...
Varar o infinito,
Sem meta, sem rumo.
Para onde? Não sei.

Há horas vazias,
Que às vezes nem sinto
Se vivo ou se sonho;
Só sinto que tudo é
Quase divino.
Real ou quimera?
Confesso. Não sei...

Mas é nessas horas
Que fico cismando
E vejo as idéias volutearem
Qual aves migrantes
Num céu todo azul.

E penso outras vezes,
Que as horas vazias
São simples momentos
De paz e tranqüilidade,
Que a vida esboça
Na tela do tempo,

Canção de Lágrimas

“ Fazendo um hiato
Para a reflexão,
Para o amor...

S. Cristóvão – SE, 28/07/1997

Canto da Natureza

Tudo marcha e a natureza,
Vai na eterna grandeza,
Envolvendo no seu véu,
As ilusões e os sonhos,
Que vislumbramos risonhos
Em cada estrela no céu.

E vão as doces lembranças,
Pejada de esperanças,
Nas cores do alvorecer,
Cantando cada alegria,
No riso da fantasia
De nosso próprio viver.

Canta alegre o passarinho.
Murmura a fonte, baixinho,
Sua dolente canção.
A lua toda de prata,
Em noites de serenata,
Vai sorrindo na amplidão.

Cai a cascata na serra.
Cai a chuva sobre a terra,
Correm os rios para o mar.
E nas manhãs cor-de-rosa,
Sobre a campina cheirosa,
Vão colibris a voar...

Canção de Lágrimas

Os casais de namorados,
Úfanos, de braços dados
Nas primaveras em flor,
Por entre ínvios caminhos
Vão segredando sozinhos
Juras e crenças de amor.

Como a nuvem vaporosa,
Segue a vida esplendorosa
No seu sublime fulgor,
Felicidade sonhando,
Eu vou também embalando
Meu canto eterno de amor...

Salvador – BA, 12/10/1975

Aos 15 anos de Érika

Tu és o milagre que veio do amor,
Tal qual uma rosa que vem do botão,
E foste espargindo com todo esplendor
Suave perfume no meu coração...

És sonho fagueiro com jeito de flor
No bosque encantado de minha ilusão,
És sol que ilumina com todo fulgor,
És musa nas trovas de minha canção.

E nessa eloqüência de graça e beleza,
Ungido dos sonhos de tua pureza,
Me rendo ao teu riso ou gesto qualquer.

Porque hoje tenho não mais a criança
Que inda perdura na minha lembrança,
Porque hoje és moça, porque és mulher.

Aracaju – SE, 12/06/1988

Aeróstico para Eyde

E strela guia no meu céu de sonho;
I tinerário de meu passo errante;
D ivina prece de um querer constante;
E terna flama, despertar rinho...

S ublime musa que meu pobre canto
O stenta um riso ao contemplar o encanto
R eflorescente de teu lindo olhar
A i quem pudera ter-te assim um dia
I ntronizada em cada fantasia
A urifulgente deste teu sonhar...

D epois... Viver a recriar quimeras,
A ntevivendo em suas primaveras
N ovos sentidos pra te enaltecer.
T er como prêmio toda essa ternura
A simpatia e singular candura,
S ingela e calma d'um alvorecer.

S alve a meiguice que te enfeita os dias
A ngelicais das tuas fantasias,
N atas, sublimes, colossais, fatais.
T rocar depois, no afã da realidade
O s teus queixumes por felicidade...
S entir-te filha e adorar-te mais.

S. Cristóvão – SE, 12/01/1998

Utopia

É noite de chuva
Umbrosa e medonha,
Gelada e tristonha,
Sinistra e fatal.
E o vento ulula
Com ódio incontido,
Qual monstro perdido
Nas trevas do mal.

E eu vou seguindo,
Perdido no tempo.
Ao sopro do vento,
Na minha jornada,
Sem paz e sem crença
Sem tino e sem prumo,
Vagando sem rumo
Em busca do nada.

E assim minha alma
Sem ter alegria,
Soturna e vazia,
Na senda da dor,
Contempla absorta
A farsa da vida,
Fulgente e florida,
Pujante de amor.

Canção de Lágrimas

Porém esta farsa
Que a todos conduz
Do sonho é a luz,
Da vida a razão,
Falácia doirada
Que apenas existe
Na fé que consiste
Viver de ilusão...

Aracaju – SE, 30/11/1980

Adeus Duna

Duna...
Você chegou em nossas vidas
Com a rapidez do meteoro
Que risca o céu em noites de outono,
Apressada e veloz.
Chegou como uma flor na primavera,
Mas que um vendaval não lhe deu tempo
Para esparzir a sua beleza.
Chegou como um sonho que se desfez,
Melancólico ao impacto do despertar.
Chegou e fugiu... Chegou e se foi.
Se foi naquela correria louca,
Mas não chegou...
No meio do caminho... aquele carro...
Passou e você ficou... ficou para sempre
E ficamos nós, perplexos, perguntando:
Por que você se foi? Por que deixamos você ir?
E gritamos: Duna, Duna.
E você não respondeu. Você já tinha ido.
Adeus, Duna... Adeus...

Aracaju – SE, 04/05/1990

Maria

Maria querida,
Maria morena,
Garota serena
De riso traidor.
Você inda lembra
O tempo ditoso,
Longínquo e saudoso,
Vivido de amor?...

Maria querida,
Eu sinto saudade
De nossa amizade
Que o tempo desfez.
Se os anos voltassem
Com aquela ternura,
Com o ardor e loucura
Do amor outra vez...

Que bom não seria
Maria querida?..
Meu céu, minha vida,
Meu mundo de amor..
Depois do silêncio,
De tudo acabado,
Voltar ao passado
De afeto e calor.

Nós dois, quantas vezes
Felizes sonhamos
E juras trocamos,
De amor e ilusão.
Ainda recordo,
Sorrindo dizia
Que a mim pertencia,
O seu coração...

Maria, hoje tenho
Gravado no peito,
Do sonho desfeito
A marca da dor,
Que me atormenta,
Por ter devorado
Meu mundo encantado
Meu ser de esplendor.

Que é do passado
Maria morena?
Garota serena
De meu coração...
Parece que o tempo,
A todo momento,
Aumenta o tormento
Da minha ilusão...

Estância – SE, 11/04/1959

Súplica

Não me deixes assim desprezado,
Não me deixes no mundo sozinho,
Pois não vivo sem ter teu carinho,
Morrerei sem o teu santo amor.
De que vale viver sem teu beijo,
Sem teu riso, sem teu doce encanto:
Minha vida será triste pranto,
A existência – um calvário de dor.

Não me deixes querida, te peço.
Não destruas a minha ilusão.
Eu te juro que meu coração,
Não resiste sofrer tanto assim.
Aos teus pés a rolar como louco,
De joelhos, te imploro chorando.
Não me dê tão cruel desengano,
Tenhas pena querida, de mim...

Eu ficando sem ter teu carinho
Nada tenho da vida a querer.
Sempre foste a razão de meu ser,
Áureo sonho de vivo esplendor.
Fostes o lume nas noites umbrosas
Que meus passos medrosos guiava
Quando abrigo em teus braços buscava,
Para alento de meu grande amor...

Não me deixes assim desprezado,
Não me deixes no mundo sozinho,
Pois não vivo sem ter teu carinho,
Morrerei sem o teu santo amor.
De que vale viver sem teu beijo?
Sem teu riso, sem teu doce encanto?
Minha vida será triste pranto.
A existência – um calvário de dor...

C. Dantas – BA, 12/11/1969

Exaltação

Assim tão faceira,
Assim tão formosa,
Parece uma rosa
De áureo fulgor.
Ingênua e singela,
Num bosque sorrindo
Fagueira, florindo
Meu sonho de amor...

É falso se dizem
Que flores formosas
Assim como as rosas
Não têm coração.
Não amam, não choram,
Não têm alegria,
Não têm poesia,
Não têm ilusão...

Quem fala, por certo
Não teve um carinho
De amor e sozinho
Viveu a chorar,
Seu sonho desfeito,
Fulgente quimera
Que hoje inda espera
De novo sonhar...

Mas eu que adoro
De alma fremente
Exalço eloqüente
A graça das flores.
Pois todas são belas,
Risonhas, formosas,
Vibrantes, cheirosas,
Floridas de amores.

Fortaleza – CE, 10/04/1969

Eterno amor

Amor a todos amores
Que tive e tenho na vida,
Na minha estrada florida
De riso, sonho e ilusão,
Sempre terei com desvelo,
Sublimando com doçura,
Cada fracasso ou ventura
Latente no coração...

Amor à terra, ao Universo,
Na sua eterna grandeza.
Amor a toda beleza,
Amor à vida, ao prazer.
Em tudo sou dedicado
E velarei bem cuidadoso,
Muito atento e caprichoso
Amando o próprio viver.

E quando os ventos gelados
Dos outonos da existência,
Sem piedade ou clemência
Varreram os sonhos meus,
Inda amarei com ternura
Os prantos que me ficarem
E das crenças que restarem
Farei amor para Deus...

C. Dantas – BA, 17/09/1965

Ressurreição

Quando eu vivia sem amar você,
A vida era triste desencanto...
Algo eu buscava e queria tanto,
Mas no entanto não sabia o quê.

Sem um carinho, num vagar tristonho
De umbrosas sendas, num langor fatal,
Angustiado em meu querer banal,
Em desenganos vi findar meu sonho.

Vivi sozinho qual um ermitão
Em austero claustro, triste, solitário,
A desfiar as contas do rosário,
Sem ter de amor, sequer, uma ilusão.

Mas, de repente eu revivi, porque
Minhas tristezas todas foram embora.
Posso dizer que sou feliz agora;
Sou venturoso, encontrei você...

Fortaleza – CE, 13/11/1965

Você

Angústia e tristeza,
Dos tempos d'outrora
Eu sinto agora
Se fico a lembrar
A vida que hoje,
Voltar eu quisera
À doce quimera
D'um louco sonhar...

E quando, às vezes,
Sem paz, sem alento,
O meu pensamento
Num triste sofrer,
Se perde em saudades
Do amor que existe,
Do amor que persiste
Lembrar de você...

Seu riso, seus gestos,
Sua fala singela,
Tornavam mais bela
A minha ilusão.
E como eu vivia
Feliz e contente
No sonho fulgente
De nossa paixão...

Gildo Dantas de Souza

Porém, eis que a vida
Falaz, enganosa,
Passou caprichosa
Por nosso viver,
Matando os enganos
De nossa amizade,
Contudo, a saudade
Deixou de você...

Fortaleza – CE, 11/08/1968

Cunversa du certão

Gostei daquela cunversa,
Êta mulato danado,
Dum papo bem imbolado
Qui fais gosto agente vê.
Um cabra macho, retado,
Qui nem vancê, isto eu digo,
Qui nunca vi mais sabido
Tão iguá a vosmincê.

Seu dotô, me dê licença
Pra eu dizê de coração
Qui nois aqui du certão,
Sabe tamem escuiê
Os home bamba nas letra,
Pra mode alujiá,
Quonde ouve eles falá
Cuma fala vosmincê...

Fala de tudo e bunito
Qui fais o quexo caí,
Eu digo assim proquê vi
E oje posse dizê,
Sem nenhum acanhamento
Qui inda tenho sodade,
Daquela solenidade
Do lado de vosmincê...

Vancê Zirdo Nascimento,
Percisa vim no certão,
Pra trazê sastifação
Prôs companheiros de cá;
E eu vô dizê pra eles,
Cum munto gosto e respeito,
Qui cabra assi de sô jeito
É mesmo de Propriá...

C. Dantas – BA, 02/03/1970

Rito de ilusão

Pela vida vou risonho,
Embalado no meu sonho
Que sorri meu coração,
Quando às tardes reluzentes,
Esgarçando-se dolentes,
Pairam nuvens de ilusão
Sobre o céu de meu desejo,
Que a sorrir num doce beijo
Busca além, no meu sonhar,
As belezas que a vida
Desencanta re florida
De amores a cantar...

Mas, depois se este canto
De amores, for no entanto
Hiperbólico e falaz,
Serei eu no meu tormento
Triste nada de um momento
Que em mágoas se desfaz.
Mesmo assim serei contente,
Pois não foi inutilmente
Que sonhei com tudo enfim,
Pois se choro triste agora
São saudades de outrora
Que ainda vivem em mim...

E assim tão solitário,
Vou revendo o relicário
Do viver, com devoção,
E de alma enternecida,
Trago a fé arrefecida
Nas volúpias da paixão.
E enquanto sem arrimo,
Sigo ao léu no meu destino,
Na esperança de viver
As venturas que eu quisera
Sob o sol de primavera
De um novo alvorecer...

C. Dantas – BA, 29/12/1969

Teu beijo

Teu beijo é hino de amor,
Aurifulgente e risonho,
Tem vida, afeto e calor,
Tem as delícias do sonho.

Do céu tem graça divina,
Da terra eterna grandeza.
Tem o frescor da matina,
Feitio e cor da beleza...

Teu beijo é doce paixão.
Tem do amor o ciúme,
Da vida a própria razão,
Das flores, todo perfume.

Tem preces, tem poesia,
Tem sedução de quimera
Que o amor irradia
Nos risos da primavera.

Não há no mundo ventura,
Fascinação eu não vejo,
Que possa ter a doçura
E o calor do teu beijo.

Por isso eu canto agora,
Feliz, com todo fervor.

Gildo Dantas de Souza

Teu beijo é vida, é aurora,
É o meu hino de amor...

C. Dantas – BA, 01/09/1971

Mamãe

Mamãe, com que alegria
Ao lhe beijar neste dia
Com o coração a cantar,
Revivo a doce lembrança
De quando eu era criança
Em seu regaço a sonhar...

E hoje, a realidade,
Inspira apenas saudade
De meu viver singular,
Agora, ó Deus, quem me dera
Mamãe, confesso, eu quisera
Àqueles tempos voltar...

Você, mamãe, bem merece,
Tudo que a vida engrandece,
Todo o amor, todo o bem,
E ante os martírios seus,
Como é Santa a Mãe de Deus,
Você é Santa também...

Você é suma pureza.
Sua divina grandeza
Eternizada em amor,
É como o sol fecundante,
Que benfazejo e brilhante
Emana vida e calor...

Hoje, velhinha e cansada
Da atribulada jornada,
De sofrimentos e dores,
Merece todo carinho.
Do céu, merece um cantinho,
Data terra – todas as flores...

C. Dantas – BA, 14/05/1970

A nossa noite

Deixe, querida, anoitecer, que importa.
A noite é curta, a vida é passageira.
E nós sabemos, esta é a primeira
Noite que temos pra viver o amor.
Que importa o mundo se só o amor conforta
E basta pra nós, o resto é fantasia.
Deixemos, pois, raiar um novo dia
Em nossa vida eternizada em flor...

Querida, fique, veja a natureza
É toda festa, é toda primavera
Além do amor o resto é só espera
E quanto carinho eu tenho pra lhe dar..
Não vê que a lua em sua singeleza
Está feliz, sorrindo ingenuamente.
E ser feliz consiste simplesmente
Viver sonhando com o amor e amar...

Que importa a vida se a existência
Somente em sonho e em amor consiste.
E se sonhamos é porque existe
Amor e sonho em nossos corações.
Por que então viver reminiscências?
Sem um carinho, saem seus doces beijos.
Sem ter afeto a recalcar desejos
No triste abismo das decepções...

Vamos viver então nossa amizade.
Extasiado eu quero em seus braços,
Sentir o afago dos febris abraços
Que minha alma vive a reclamar.
Depois, você verá que na verdade
O amor é santo e enobrece a vida
Amemos, pois, beijemo-nos querida.
A noite é nossa, a noite é para amar...

C. Dantas – BA, 17/02/1971

Desejo

O amor foi fracasso pra nós. Esqueçamos
Aquela miragem que o sonho criou.
Se tudo hoje é nada, se tudo mudou
Na tela azulada que juntos pintamos...

As loucas promessas de amor que juramos,
Ass falsas mentiras que o vento levou,
São mortas pra vida, o idílio findou
No mundo fagueiro que um dia sonhamos.

És tu o passado sublime da vida.
És tu a saudade baldada e vencida
Que um dia de glória eu quis e amei...

Não quero-te mais, morreram os desejos.
Porém, eu te imploro, devolva-me os beijos
Que sempre sorrindo nos lábios te dei...

C. Dantas – BA, 21/02/1962

Aspiração

Oh Deus dos meus amores,
De olhos negros traidores,
Quero-te sempre sonhar,
Ao vento soltos os cabelos
Compridos, negros e belos,
Desfeitos, sempre a voar.

Andando ao léu na campina,
Como uma fada divina,
Como a sereia ao luar,
Inda és bela e formosa
Ingênua e misteriosa
Que o verde escuro do mar.

Oh virgem, minha querida,
Por que és tão retraída?
Que vida de solidão...
És tu no mundo a donzela
Mais radiante e mais bela
Que sonha o meu coração...

Oh Deus dos meus amores,
De olhos negros traidores,
Tens em meu peito um lugar...
Perdido nos teus cabelos
Compridos, negros e belos,
Quero viver e sonhar..

C. Dantas – BA, 01/03/1962

De onde venho

Eu venho,
Dos segredos profundos do infinito...
Venho do eterno sonho, venho do mito
De cada história e cada tradição.
Venho do pó, do nada, da saudade,
Das negras campas da eternidade.
Venho do mar, da terra, d'amplidão...

Eu sei que venho,
Do Universo, do tempo, das procelas,
Venho do acaso, do riso, das estrelas,
Das nulidades, do povo amargurado.
Venho da treva, da luz, do pensamento,
Talvez da glória ou do sofrimento.
De priscas eras, do ideal passado...

Enfim, eu venho,
Do desespero, de um querer banal.
Da esperança vazia, original
Das amarguras, do tédio arrasador.
De cada luta incruenta sei que venho,
Porque me diz o coração que tenho
Dentro do peito o germe do amor.

Estância – SE, 25/11/1960

Ave-Maria

A tarde morre no arrebol de ouro.
O sol se inclina lá na serrania.
Todo o Universo se descobre e reza
Saudando a hora da Ave-Maria...

Tudo se curva reverentemente...
Tudo contempla o findar do dia.
O tédio invade toda a natureza
Saudando a hora da Ave-Maria...

As aves voam para os agasalhos.
O homem busca sua moradia...
Os sinos dobram lá na campanário
Saudando a hora da Ave-Maria...

Os rios tardos em suave prece,
Soltam aos ares doce melodia.
A voz sublime da amplidão ecoa
Saudando a hora da Ave-Maria...

Depois que tomba fenecida a tarde,
Tudo é saudade, tudo é nostalgia...
Se abraçam alegres o silêncio e a treva
Saudando a hora da Ave-Maria...

C. Dantas – BA, 13/12/1966

Obsessão

Em tudo existe amor, em tudo existe
Vida e sorriso, a natureza é bela.
Somente eu, desesperado e triste,
Vivo chorando as saudades dela...

Pra mim parece que o viver consiste,
Em sofrimentos, em carpir aquela
Dor que minh'alma já não mais resiste
E que me devora por viver sem ela.

Mas que amor é este tão fremente?
Que me persegue implacavelmente,
Com seu veneno e poder fatais...

Por que persiste esta paixão infinda?
Se ela nem sabe se eu existo ainda...
Se eu nem sei se ela existe mais...

Irecê – BA, 05/09/1975

Ode a Iparana

Não sei se foi o destino,
Ou decisão do Divino,
Mas nisto fico a cismar
Em uma dúvida insana,
Porque fizeram Iparana
Aqui pertinho do mar?...

Eu não sei qual a razão,
Mas afirmo de antemão,
Ninguém por certo dirá.
Iparana é um poema
Nascido de Iracema
Nas praias do Ceará...

Iparana, céu risonho
Sublime abrigo dum sonho
Primaveril, todo em flor.
Vestal de eterna pureza
Divino lar de beleza,
Jardim singelo de amor...

Berço de afeto e carinho
Singular e doce ninho
De nosso eterno sonhar.
Hoje é nossa despedida,
Mas saiba que toda a vida
De você vamos lembrar...

21/10/1969

Metamorfose

Não sei porque a Musa dos meus cantos,
Que o meu viver enchia de alegria,
Eternizando o mundo em poesia,
E o meu ser de ilusões e encantos,

Silenciou e hoje apenas prantos
Enche minh'alma dia após dia.
Todo meu sonho então é nostalgia,
Todas quimeras, tristes desencantos.

Tudo mudou e nada tenho agora.
Já não existem mais como outrora
Em meu jardim, bailando, tantas flores,

Com que a vide eu ornamentava,
Em cada verso doiro que cantava,
Na apoteose dos febris amores...

C. Dantas – BA, 02/06/1971

O orgulho da flor

Naquele regato, oculto
Daquele bosque florido,
Vivia o sonho querido
De mistério e de fulgor,
Ouvindo o cantar dolente
Que entoa a natureza,
Na mais ingênua beleza
Perfumada e branca flor.

Naquele idílio de encanto,
Os seus pés lhe osculando,
Corriam as águas cantando
Num festival de ilusão....
E a flor que se mirava
Naquele espelho profundo,
Reclamava em vão ao mundo
Sua ingrata solidão.

* * *

– Pobre de mim, que tormento
Me cerca neste recanto,
Onde a dor, a mágoa, o pranto;
São os encantos risonhos...
Aqui oculta, exilada,
Para que vale a beleza?
No meio desta tristeza,
Vendo morrerem meus sonhos?...

– Eu quero sorrir ao mundo!
Ser da vida admirada!...
Que toda gente encantada
Se ponha a me contemplar,
E eu ficar convencida,
Sempre a sorrir vaidosa
D’uma existência ditosa,
D’uma beleza sem par!...

– Eu quero lutar com a glória,
Quero ter felicidade!...
Pra depois sentir saudade
Da vida, de tudo enfim.
Eu quero mostrar ao mundo,
Minha graça e formosura,
A mais perfeita ternura
Que Deus ofertou a mim.

* * *

Passando alguém e ouvindo
Aquela lamentação,
Teve de flor compaixão,
Por vê-la assim tão chorosa.
Arrancou-a lá do bosque
E com todo seu carinho,
Para a margem do caminho
Trouxe a florzinha mimosa.

Ela ficou radiante;
Tinha tudo o que queria.

Naquele mundo de orgia,
No mundo de vaidade...
Tudo era amor, era sonho,
Era prazer e alegria;
Agora sim que teria
A mais bela mocidade.

* * *

Passou-se a noite, e depois,
Surgiu o sol no horizonte;
A flor ergueu logo a fronte
Com sua força e vigor.
E o sol se foi erguendo,
Foi seu calor aumentando,
Pouco a pouco foi queimando
A florzinha e seu fulgor...

E quando lá no ocaso,
Confirmando o fim do dia,
O astro rei se escondia
No seio da escuridão,
Lá à margem do caminho,
Na noite calma e umbrosa,
A flor mais bela e cheirosa
Jazia seca no chão...

C. Dantas – BA, 20/07/1960

Quimera de amor

E entre meus braços, de amores perdida,
Seus olhos cerrados, corando a vejo.
Os lábios molhados em busca d'um beijo,
Os seios tumentes, ciosa, vencida...

Então, desvairada, fremente, rendida
Ao gozo, arquejante, num louco desejo,
De modo lascivo, sem medo, sem pejo,
Nas suas carícias me esqueço da vida.

Que noite de amores, que noite tão bela.
Jamais nesta vida terei como aquela.
Ainda afagando seu corpo pensei...

E agora sozinho, viver eu quisera
Aquele romance de pura quimera.
Pois tudo foi sonho e logo acordei...

C. Dantas – BA, 01/04/1965

Trovas

Saudade é dor persistente,
Que a nossa alma invade.
Porém é bom ser doente
Se este mal é saudade...

Na vida algum sofrimento
Nos deixa a marca da dor.
Mas é gostoso o tormento
Se o sofrimento é amor...

Nada se iguala a teu beijo
Nem a teu doce carinho.
Sem eles nada desejo,
Prefiro sofrer sozinho...

Teu beijo é canto de amor,
Com jeito e forma de sonho.
É infinito e risonho,
Tem mais perfume que a flor.

Saudade é uma ferida
Sem remédio pra curar,
E dói ao longo da vida,
Enquanto a gente sonhar...

SC – 18/05/2003

Jeito de amar

Igual ao mar, sem ondas, sem procelas
Em certos tempos, quando as calmarias
Se estendem lassas através dos dias
Calmos, serenos, desfumando as velas.

Qual minha vida, ternas aquarelas
Que se confundem com as sinfonias
E me embalam com as harmonias
Enternecentes, comoventes, belas.

O meu amor é plácido e sereno,
Que me envolve como um sonho ameno
E enfeita a vida como o faz a flor.

É desse jeito que te amo agora,
E hei de amar-te pela vida afora,
Enquanto em ti eu encontrar amor...

SC – 18/05/2003

Minha paz

E na paz deste recanto,
Levanto às horas primeiras;
Colho as flores das roseiras,
Pego os frutos do pomar.
Embalando-me no encanto
Do trinar dos passarinhos
Ao despertar dos seus ninhos,
Eu vejo a vida passar.

Os dias surgem solenes
Nos risos da primavera,
Quais nunca dantes tivera
Ao longo do meu viver,
Por isto almejo perenes,
Todos momentos de sonhos,
Que me embalam risonhos
Nas luzes do alvorecer.

E neste doce aconchego,
Vivo feliz de verdade;
Se alguma vez a saudade
Senti-la no peito eu chego,
Ao lembrar dias de outrora,
Eu a deixo ir-se embora,
Sem desalento ou apego.

Ao longo desta jornada,
Cercado por minha gente,

Canção de Lágrimas

Sempre alegre e sorridente,
Vou sonhando sem temor;
Contemplativo na estrada
Que me guia cada passo
Em tudo aquilo que faço
Com carinho e com amor.

SC – SE, 15/03/1999

Mistério

Existe algo aqui dentro do peito,
Que me corrói, que dói sem ter alento.
É uma dor eterna, é um tormento
Igual as penas de um amor desfeito

Às vezes tento amenizar o efeito
Deste mistério, deste sofrimento.
E quanto mais eu resoluto tento
Amenizá-lo não encontro jeito.

Pra disfarçar eu muitas vezes canto;
Mas meu cantar mais se parece pranto
D'algo perdido que em vão sonhei...

E enquanto vivo nesta ansiedade,
Vou revivendo o mundo de saudade
Que vem de onde nem eu mesmo sei.

SC – 30/08/1997

Saudosos amores

Amores, doces lembranças de minha vida passada.
Sublime e meiga saudade de meu eterno sonhar...
Amores meus que findaram, que cinzas são e mais nada,
Aonde o sonho é relíquia tristonha de meu cismar!

Mesquinho e triste capricho d'uma ilusão encantada.
Amores, verde esperança que o coração faz chorar,
Por um viver fenecido, numa paixão fracassada,
De encantamento profundo, de um viver singular...

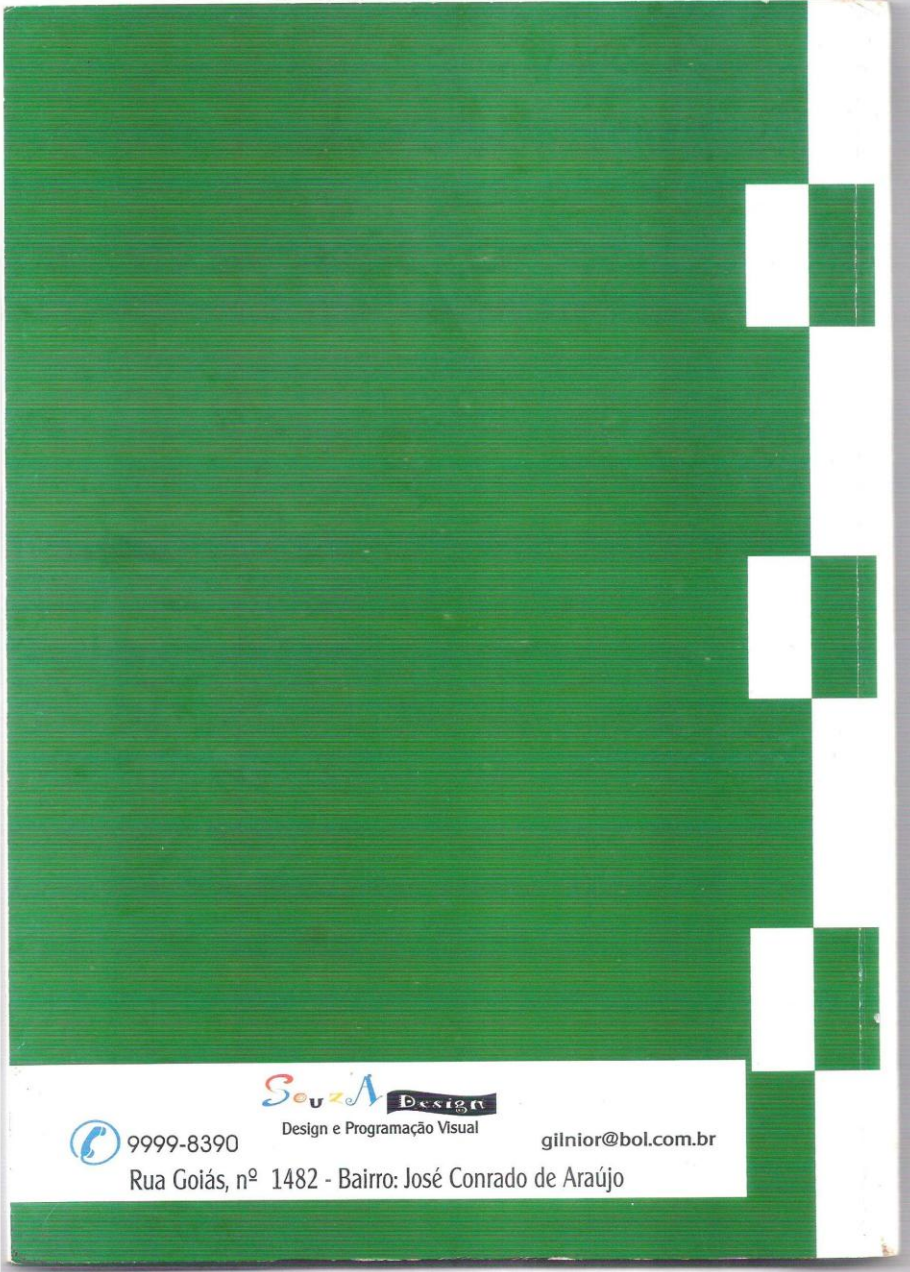
Tempo saudoso de amores, perdido além no passado.
Constelações de mulheres em um poema encantado,
De abraços, juras e beijos, de riso, sonho e ilusão.

Amores da adolescência, amores da mocidade,
Que passam como a vida, deixando eterna saudade
A crepitar como chamas no fundo do coração!...

CD – 06/06/1962

Sumário

Sobre o autor	7
À guisa de preâmbulo	9
Prefácio	11
Dedicatória	13
Conformação	15
Lembranças	17
Mote	19
Menina e moça	20
O vagabundo	21
Angústia	23
Natal	24
Fatalidade	25
Coisas da vida	26
Prece do menino pobre	27
Eternização	29
Ode ao amor	30
Paradoxo	32
Se eu pudesse	33
Teu amor	35
Horas vazias	36
Canto da natureza	38
Aos 15 anos de Érika	40
Acróstico para Eyde	41
Útopia	42



9999-8390

Souza Design

Design e Programação Visual

gilnior@bol.com.br

Rua Goiás, nº 1482 - Bairro: José Conrado de Araújo